

Modalidade epistémica e persistência

Rui Marques

rmarques@letras.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa – FLUL/CLUL (Portugal)

ABSTRACT.

Adding *bem* (lit. ‘well’) to a modalized proposition, as in *it is quite possible that he already left*, increases the degree of conviction being conveyed. Apparently, this epistemic reinforcement that results from the presence of *bem* corresponds to the expression of a higher degree of belief than what is expressed without *bem*. Concretely, while *é possível que p* (‘it is possible that p’) indicates that *p* is a possibility, *é bem possível que p* (‘it is quite possible that p’) will indicate that *p* is a good possibility. If so, the meaning of constructions resulting from the addition of *bem* to a modalized proposition can be captured within the framework of modality analysis in Krazter (1991, a.o.), who considers different degrees of modality, including the notions of *possibility* and *good possibility*. This way, it will be understandable why *bem* can co-occur with weak modals, as the equivalents of *possible* or *may*, but not with strong modals, such as the equivalents of *must* or *have to*, since the latter already have a strong value, not being able to be reinforced by the addition of *bem*. However, there are counter-arguments to this hypothesis, which, among other problems, does not explain why *bem* may co-occur with various types of modal operators or propositional attitude verbs that express a strong epistemic value, such as, e.g., *certo* (‘right’), as in *é bem certo!* (‘quite right!’), or *to know*, as in the equivalent of *he knows well that he is late*. Thus, two questions arise: (i) how to explain the epistemic reinforcement resulting from the addition of *bem* to a sentence with an epistemic modal operator? (ii) why can *bem* combine with some epistemic modal operators, but not with all of them?

An alternative hypothesis is presented and explored, according to which *bem* does not contribute to the truth conditions of the sentence, but functions at the discursive level. Specifically, the proposed hypothesis is that the addition of *bem* to a modalized proposition indicates the expectation that this proposition will remain valid as discourse flows. That is, *bem* has the function of making the proposition in which it occurs persistent. Thus, the meaning of the constructions resulting from the addition of *bem* to a modalized sentence is best captured by an analysis of modality within dynamic semantics. In dynamic semantics, the meaning of a sentence is its *Context Change Potential*, its capability to update the information of the context (or information state) relative to which it is asserted. The proposed analysis provides an answer to the two aforementioned questions. Epistemic reinforcement conveyed by *bem* corresponds to expressing the expectation that the modalized proposition will remain valid as discourse flows. The reason why *bem* can co-occur with some, but not all, epistemic operators is linked to the type of epistemic state described by each sentence. As predicted by the proposed hypothesis, *bem* cannot co-occur with modal operators expressing an inference that arises from particular information and that may not be maintained as new information is gathered.

KEYWORDS.

Discourse; modality; epistemic strengthening; dynamic semantics.

RESUMO.

A adição de *bem* a uma proposição modalizada, como em *é bem possível que ele já tenha saído*, aumenta o grau de convicção veiculado. Aparentemente, este reforço epistémico decorrente da presença de *bem* corresponde à expressão de um grau de crença mais elevado do que o que é expresso sem *bem*. Concretamente, enquanto *ser possível que p* indica que *p* é uma possibilidade, *ser bem possível que p* indicará que *p* é uma boa possibilidade. Assim, o significado de construções resultantes da adição de *bem* a uma proposição modalizada pode ser captado no quadro da análise da modalidade em Kratzer (1991, e.o.), que considera diferentes graus de modalidade expressáveis pelas línguas naturais, entre os quais o de *possibilidade* e o de *boa possibilidade*. Deste modo, será compreensível que *bem* possa coocorrer com operadores modais fracos, como *ser possível*, *poder*, ou *ser capaz*, mas não com modais fortes, como *dever* ou *ter de*, dado que estes últimos já codificam um valor forte, sendo normal que o mesmo não possa ser reforçado com a adição de *bem*.

No entanto, há contra-argumentos a esta hipótese, que, entre outros problemas, não permitem explicar porque é que *bem* pode coocorrer com vários tipos de operadores modais ou verbos de atitude proposicional que expressam um valor epistémico forte, como, e.g., *certo*, em *é bem certo!*, ou *saber*, em *ele sabe bem que está atrasado*. Assim, levantam-se duas questões: (i) como explicar o reforço epistémico resultante da adição de *bem* a uma frase com um operador modal epistémico? (ii) por que razão *bem* se pode combinar com alguns operadores modais epistémicos, mas não com todos?

É apresentada e explorada uma hipótese alternativa, de acordo com a qual *bem* não contribui para as condições de verdade da frase, antes desempenhando uma função a nível discursivo. Concretamente, a hipótese defendida é que a adição de *bem* a uma proposição modalizada indica a expectativa de que essa proposição se mantenha válida com a continuação do discurso. Ou seja, *bem* tem a função de tornar persistente a proposição em que ocorre. Assumindo esta hipótese, o significado das construções resultantes da adição de *bem* a uma frase modalizada é captável por uma análise da modalidade no quadro da semântica dinâmica, em que o significado de uma frase é concebido como o potencial que essa frase apresenta para atualizar a informação do contexto (ou estado de informação) relativamente ao qual é asserida. Esta análise permite responder às duas questões consideradas. O reforço epistémico concretizado pela adição de *bem* corresponde à veiculação da expectativa de que a proposição modalizada se mantenha válida com o avanço do discurso. A razão para *bem* poder coocorrer com alguns operadores epistémicos, mas não com todos, decorrerá do tipo de estado epistémico descrito pela frase com cada um deles. Como previsto pela hipótese em causa, *bem* não pode coocorrer com operadores modais que expressam uma inferência decorrente de informação particular e que pode não se manter com a aquisição de nova informação.

PALAVRAS-CHAVE.

Discurso; modalidade; reforço epistémico; semântica dinâmica.

1. Introdução

A enunciação de uma frase declarativa como (1) expressa a convicção do enunciador de que a mesma é verdadeira, independentemente de na realidade ser, de facto, verdadeira ou ser falsa. Ou seja, a asserção de (1) veicula a certeza por parte do enunciador de que a proposição enunciada é verdadeira, comprometendo-o com a aceitação da verdade da mesma ao asseri-la:

(1) Está a chover.

Se o enunciador não quiser expressar um compromisso total com a proposição, antes expressando a sua incerteza de que a mesma descreva um facto do mundo, terá de usar uma marca para o indicar. Esta marca, em itálico nos exemplos que se seguem, pode ser um verbo (ou uma expressão predicativa de outra natureza categorial) de opinião ou um operador modal, como um verbo modal ou um advérbio modal, por exemplo:

- (2) a. {*Acho / Penso / Creio / ...*} que está a chover.
b. *É provável* que esteja a chover.
c. *Deve* estar a chover.
d. *Talvez* esteja a chover.
e. *Estará* a chover.

Assim, os operadores modais, tal como verbos de atitude proposicional como *achar* ou *pensar*, permitem atenuar o grau de compromisso do enunciador com a verdade da proposição que enuncia, funcionando como atenuadores epistémicos, no sentido em que a sua presença indica que o enunciador admite a possibilidade de a proposição sob o escopo do operador modal ser falsa, enquanto a asserção de uma frase não modalizada expressa uma crença total, por parte do enunciador, na verdade da mesma.

Duas variáveis básicas do significado dos operadores modais são o tipo de modalidade que veiculam e a sua força modal. A respeito da primeira variável, em português e noutras línguas do mundo, mas não em todas, para alguns operadores modais, como os verbos modais, o tipo de modalidade

a que estão associados em cada enunciado é fixado contextualmente, enquanto a sua força modal faz parte do significado lexical, cada operador modal veiculando um dado grau de força modal. Como observado, por exemplo, por Oliveira (1993, 2003) ou Oliveira & Mendes (2013), o verbo modal *poder* codifica o valor mais fraco de força modal, expressando apenas possibilidade, enquanto o verbo modal *dever* é mais forte que *poder*, mas menos que *ter de*, tal como, no domínio dos adjetivos modais, se observa que, por exemplo, o adjetivo *provável* veicula um grau de crença mais forte do que o que é expresso por *possível*. Por outras palavras, no domínio da modalidade epistémica, o grau de crença na verdade de uma proposição *p* pode ser marcado com recurso a um item da seguinte lista hierarquizada, que pode ser alargada com a inclusão de outros operadores modais:

Asserção sem modalizador > *ter de* > *dever* > *poder*

A frase (3a) expressa a certeza absoluta por parte do enunciador de que está a chover, (3b) expressa uma convicção menos segura (como mostra a possibilidade de se continuar a frase com *não vejo outra hipótese* ou com a *menos que...*, por exemplo), (3c) expressa uma crença bastante forte, por parte do enunciador, de que está a chover, mas indica também que o enunciador admite a hipótese de não estar, e (3d) expressa apenas a informação de que o enunciador admite a possibilidade de estar a chover, expressando (3d) o grau de crença mais fraco na verdade da frase *está a chover*:

- (3) a. Está a chover.
 b. (Há bocado o céu estava negro e agora ouvem-se trovões.)
 Tem de estar a chover!
 c. Deve estar a chover.
 d. Pode estar a chover.

Pode reforçar-se a força modal que é expressa por um operador adicionando-se ao mesmo, na construção sintática, um quantificador escalar¹,

¹ Ver Peres (2013) sobre o termo “quantificador escalar”.

como *muito* (e.g., *muito possível*), *extremamente* (e.g., *extremamente provável*), *completamente* ou *absolutamente* (e.g., {*completamente / absolutamente*} *impossível*). O reforço pode também ser expresso pela adição de *bem* a uma frase modalizada, como nos exemplos (4b) e (4c):

- (4) a. É possível que esteja a chover quando chegarmos.
- b. É bem possível que esteja a chover quando chegarmos.
- c. Pode muito bem estar a chover quando chegarmos.

Se bem que em nenhuma destas frases o enunciador se comprometa com a verdade da frase *estará a chover quando chegarmos*, as frases (4b-c) expressam uma maior crença por parte do enunciador na verdade dessa frase do que a frase (4a), pelo que, nestas frases, *bem* atua como reforçador epistémico. Podem observar-se outros exemplos, com diferentes operadores modais, em que se verifica um reforço epistémico associado à presença de *bem*:

- (5) a. É bem provável que eles vençam as eleições.
- b. É bem capaz de chover ainda hoje.
- c. Pode bem ser preciso adiar a reunião.

A análise do significado de frases como estas, em que *bem* coocorre com um modalizador epistémico, constitui o ponto de partida para o presente texto.

2. Questões de partida

Como mostram exemplos como (4a-c) e (5a-c), *bem* pode coocorrer com diversos operadores modais epistémicos. No entanto, não ocorre facilmente com qualquer operador epistémico, como mostra a estranheza de construções como as que se seguem, por contraste com a naturalidade de exemplos como os de (4) e (5):

- (6) a. ??Tem bem de ser preciso adiar a reunião.
 b. ??Eles devem bem ganhar as eleições.
 c. ??Presumo bem que ele {está / esteja} doente.

Uma diferença óbvia entre os casos de (4) e (5), por um lado, e os de (6), por outro, é que nestes últimos o operador modal é um verbo modal forte – *ter de* ou *dever* – ou um verbo de atitude proposicional que expressa uma crença forte, enquanto nos primeiros o operador modal expressa um grau de crença mais fraco. Aparentemente, a força modal codificada no operador epistémico é um fator relevante para a possibilidade de este coocorrer com *bem*, como sugere também a aceitabilidade de exemplos com verbos de atitude proposicional que expressam (ou podem expressar) um grau de crença fraco, e a inaceitabilidade de (7c):

- (7) a. Duvido bem que eles consigam chegar a horas.
 b. Acredito bem que ele tenha feito um grande esforço.
 c. ??É bem impossível que alguém tenha aberto a porta.

Ainda assim, o grau de força modal do operador epistémico não pode ser o único fator relevante para a possibilidade de coocorrer com *bem*, uma vez que o adjetivo modal *certo*, que é forte, pode também coocorrer com *bem*, como mostra a naturalidade da enunciação de *é bem certo!* para expressar a concordância com uma afirmação prévia de outrem.

Assim, levantam-se duas questões acerca de construções que resultam da adição de *bem* a operadores de modalidade epistémica: (i) como dar conta do reforço epistémico que se obtém com a adição de *bem* e (ii) porque é que este advérbio pode ocorrer com alguns operadores, mas não com todos?

3. Modalidade gradativa

À primeira vista, a diferença semântica entre (8a) e (8b) parece ser a de força modal, expressando (8b) um grau de crença superior na verdade da proposição *estar a chover quando chegarmos* do que o que é expresso por

(8a), analogamente ao que se verifica no contraste entre *deve estar a chover* e *pode estar a chover* ou entre *é possível que esteja a chover* e *é provável que esteja a chover*:

- (8) a. É possível que esteja a chover quando chegarmos.
- b. É bem possível que esteja a chover quando chegarmos.

A ser assim, o significado destas frases pode ser captado formalmente pela análise da modalidade de Kratzer (ver Kratzer 1991, Portner 2009, Condoravdi 2002, e.o.). De facto, a análise kratzeriana contempla a noção de modalidade gradativa, apresentando a autora definições formais de diferentes graus de força modal expressáveis pelas línguas naturais, além dos graus clássicos, da lógica modal, de possibilidade e necessidade. Concretamente, pode propor-se a hipótese I para explicar a diferença de significado entre (8a) e (8b):

Hipótese I: *Poder* expressa **possibilidade**; *poder bem* expressa **boa possibilidade**

Seguem-se as definições formais que Kratzer (1991) apresenta:

Definition 6

A proposition p is a **necessity** in a world w with respect to a modal base f and an ordering source g iff the following condition is satisfied:

For all $u \in \cap f(w)$ there is a $v \in \cap f(w)$ such that $v \leq_{g(w)} u$ and

For all $z \in \cap f(w)$: if $z \leq_{g(w)} v$, then $z \in p$.

The definition is in the spirit of Lewis (1981). Roughly, it says that a proposition is a necessity if and only if it is true in all accessible worlds that come closest to the ideal established by the ordering source. [...]

Definition 7

A proposition p is a **good possibility** in a world w with respect to a modal base f and an ordering source g iff there is a world $u \in \cap f(w)$ such that for all $v \in \cap f(w)$: if $v \leq_{g(w)} u$, then $v \in p$.

Definition 8

A proposition p is a **possibility** in a world w with respect to a modal base f and an ordering source g iff $\neg p$ is not a necessity in w with respect to f and g .

Kratzer (1991: 644)

Estas definições envolvem a consideração de dois conceitos subsidiários, centrais na análise da modalidade em Kratzer: o de Base Modal e o de Relação de Ordem. Simplificadamente, uma base modal é o conjunto de mundos possíveis compatíveis com o que é assumido em cada contexto. Por exemplo, num contexto prévio a um jogo de futebol entre a equipa A e a equipa B, a Base Modal inclui mundos possíveis em que ganha a equipa A, mundos possíveis em que ganha a equipa B e mundos possíveis em que as duas equipas empatam. Ou seja, antes do jogo, existem as possibilidades de ganhar qualquer das duas equipas bem como a possibilidade de empatarem. Suponhamos agora que, perto do final do jogo, uma das equipas está a vencer por uma margem considerável. Nesse contexto, a possibilidade de a outra equipa vencer o jogo, embora exista, é menos realista do que a possibilidade de perder. Assim, os mundos que formam a base modal são ordenados, em função da sua proximidade a, neste exemplo, *o que é expectável*. A base modal pode ser ordenada em função de diferentes parâmetros. Por exemplo, os mundos possíveis que formam a base modal podem ser ordenados em função de *o que a lei determina*, *o que é normal*, *o que é desejável*, etc. Em suma, de acordo com a análise da modalidade em Kratzer, a interpretação de uma frase modalizada envolve a consideração dos mundos possíveis compatíveis com o que é assumido em cada contexto (i.e., a consideração das possibilidades em aberto dado o que se sabe ou assume) e uma ordenação dos mesmos em função da sua proximidade a um *ideal*, que pode ser expresso por expressões como *o que a lei determina*, *o que é normal*, *o que é desejável*, etc.

Posto isto, os operadores modais, como verbos modais, são quantificadores sobre mundos possíveis. O verbo modal *poder* é um quantificador existencial, indicando que existe na Base Modal pelo menos um mundo possível em que a proposição sobre que tem escopo é verdadeira, enquanto *dever* é um quantificador universal sobre o conjunto dos mundos possíveis mais próximos do ideal. Ou seja, *poder p* é uma

frase verdadeira se e só se na base modal existir pelo menos um mundo possível em que p é verdade e *dever* p é uma frase verdadeira se e só se todos os mundos possíveis próximos do ideal determinado pela relação de ordem são mundos em que p é verdade. Assim, o verbo modal *poder* não está associado à exigência de que a base modal seja ordenada. Para a frase *poder* p ser verdadeira, basta que exista na base modal pelo menos um mundo possível em que p é verdade, não sendo necessário considerar uma ordenação dos mundos possíveis que formam a base modal (i.e., *poder* p indica simplesmente que existe a possibilidade de p ser verdade). Por contraste, o verbo *dever* impõe uma ordenação da base modal. Usando um exemplo clássico, se um indivíduo comete um crime, mundos possíveis em que esse indivíduo é condenado pelo crime que cometeu estão mais próximos de *o que a lei determina* do que mundos possíveis em que não é condenado, podendo asserir-se com felicidade a frase *ele deve ser condenado*. O significado desta frase pode ser descrito nos seguintes termos: dado que ele cometeu um crime, há a possibilidade de ser condenado por esse crime e a de não o ser (i.e., a base modal contém mundos possíveis em que ele é condenado e mundos possíveis em que não o é), sendo que a possibilidade de ser condenado está mais próxima de *o que a lei determina* do que a possibilidade de não o ser (i.e., os mundos possíveis que formam a base modal e em que ele é condenado estão mais próximos do ideal do que aqueles em que ele não é condenado). Neste exemplo, os mundos possíveis que formam a base modal são ordenados em função da sua proximidade a *o que a lei determina*; ou seja, tem-se uma relação de ordem deontica. Os mesmos mundos possíveis podem ser ordenados em função de outro parâmetro, como, por exemplo, o que é previsível que aconteça, obtendo-se, eventualmente, uma ordenação diferente. Por exemplo, uma pessoa que tenha descrédito no funcionamento da justiça, pode achar que um indivíduo que tenha cometido um crime deve ser condenado pelo mesmo, de acordo com a lei, mas duvidar que o venha a ser, podendo asserir com felicidade *ele devia ser condenado, mas não o deve ser*. Na interpretação da oração *ele devia ser condenado* é considerada uma ordenação da base modal em função de *o que a lei determina* (i.e., tem-se uma relação de ordem deontica), enquanto na interpretação da oração *não o deve ser* é considerada uma ordenação da base modal em função de, e.g., *o que é*

previsível, tendo-se uma relação de ordem epistémica. Independentemente da relação de ordem considerada, *dever p* expressa uma ordenação da base modal, obtendo-se uma bipartição da mesma, entre mundos-*p* (i.e., mundos possíveis em que *p* é uma proposição verdadeira) e mundos não-*p*, e indica que os mundos-*p* estão mais próximos do ideal determinado pela relação de ordem do que os mundos não-*p*.

Feita esta clarificação, observe-se agora que a definição de *boa possibilidade*, apresentada acima, envolve ordenação da base modal, contrariamente à definição de *possibilidade*. A definição do primeiro conceito indica que existe uma linha de corte na ordenação de mundos tal que em todos os mundos acima dessa linha *p* é uma proposição verdadeira, enquanto a definição de *possibilidade* indica que existe na base modal pelo menos um mundo-*p*.

Com base nestas noções, pode propor-se que (8b) – *é bem possível que esteja a chover quando chegarmos* – indica que estar a chover quando chegarmos é uma boa possibilidade, enquanto (8a) – *é possível que esteja a chover quando chegarmos* – indica apenas que *estar a chover quando chegarmos* é uma possibilidade. A ser assim, para que a frase (8b) seja verdadeira, é necessário que a possibilidade de estar a chover quando chegarmos seja melhor do que a possibilidade de não estar, enquanto que para a frase (8a) ser verdadeira é necessário apenas que a base modal contenha pelo menos um mundo em que está a chover quando chegarmos. Por outras palavras, com *ser possível* a base modal não é ordenada, (8a) será uma frase verdadeira se a possibilidade de estar a chover quando chegarmos for compatível com o que se sabe ou se assume como verdade, enquanto com *ser bem possível* a base modal será ordenada. Analogamente, (9a) e (10a) indicarão que a proposição sob o escopo do operador modal (respetivamente, a proposição *chover ainda hoje* e *ser preciso adiar a reunião*) é uma possibilidade, enquanto (9b) e (10b) indicarão que é uma boa possibilidade:

- (9) a. É capaz de chover ainda hoje.
b. É bem capaz de chover ainda hoje.
- (10) a. Pode ser preciso adiar a reunião.
b. Pode bem ser preciso adiar a reunião.

As frases (9a), com *ser capaz*, e (10a), com *poder*, indicarão que a possibilidade em causa é compatível com o que é assumido (i.e., a base modal não é ordenada e para a frase ser verdadeira basta que contenha pelo menos um mundo-*p*), enquanto o significado de (9b), com *ser bem capaz*, e (10b), com *poder bem*, envolverá uma base modal ordenada e as frases indicarão que a possibilidade em causa está acima de outras possibilidades. Assim, a adição de *bem a poder*, *ser possível* ou *ser capaz* reforçará o grau de confiança na verdade da proposição sob o escopo do operador modal porque passa a ser requerida uma base modal ordenada e expressa-se a informação de que *p* é uma boa possibilidade. Sem *bem*, as frases com modais fracos (*poder*, *ser possível*, *ser capaz*) são verdadeiras se a base modal contiver pelo menos um mundo-*p* e a possibilidade de *p* ser verdadeira pode estar ao mesmo nível que a possibilidade de não ser. Adicionando *bem*, passa a considerar-se uma base modal ordenada e a frase será verdadeira se a possibilidade de *p* ser uma proposição verdadeira for superior à possibilidade de não o ser. De uma forma simples, a hipótese I é a de que a adição de *bem* a uma frase modalizada tem como consequência passar a considerar-se uma base modal ordenada, com mundos-*p* acima de mundos não-*p*, dada uma ordenação epistémica, enquanto uma frase com um operador modal fraco (como *poder*, *ser capaz* ou *ser possível*) não indica que exista uma hierarquia, na relação de ordem epistémica, entre mundos-*p* e mundos não-*p*. Uma frase com um modal epistémico fraco, como *pode p*, indica apenas que existe a possibilidade de *p* ser verdade, não indicando que esta possibilidade é mais, menos ou tão razoável como a de *p* ser uma proposição falsa.

Esta hipótese, embora permita dar conta do reforço epistémico decorrente da adição de *bem* que se observa em frases como (9b) ou (10b), levanta alguns problemas.

Começemos por observar a combinação de *bem* com outros operadores modais. Como visto acima, dificilmente *bem* se combina com modais fortes, como *dever*. O facto de ser natural a combinação de *bem* com modais fracos, como *poder* ou *ser possível*, que não impõem ordenação da base modal, mas não com *dever*, que requer uma base modal ordenada, é compatível com a ideia de que *bem* vem forçar uma ordenação da base modal, visto que *dever* já requer uma base modal ordenada. No entanto, *bem* pode

combinar-se com *provável*, que é mais forte que *possível* e indica que a base modal é ordenada. A frase (11a) indica que há mundos-*p* (mundos em que chove no dia seguinte) acima de mundos não-*p*, dada uma relação de ordem epistémica, pelo que o maior grau de compromisso epistémico que se observa em (11b), com a adição de *bem*, não pode ser explicado por introdução de ordem na base modal:

- (11) a. É provável que amanhã chova.
b. É bem provável que amanhã chova.

Além disso, a hipótese de que *ser bem possível que p* expressa um maior grau de confiança na verdade de *p* do que *ser possível que p* porque *bem* leva à introdução de ordenação da Base Modal não explica a maior naturalidade de (12a) do que de (12b):

- (12) a. Qualquer destes cardeais pode bem vir a ser o próximo papa!
b. #Qualquer destes cardeais deve vir a ser o próximo papa!

A anomalia de (12b) é o que se espera dado que *dever* requer uma base modal ordenada: se mundos possíveis em que o cardeal *x* é eleito papa estão acima de mundos possíveis em que é o cardeal *y* que é eleito papa, não é possível que os segundos mundos possíveis estejam acima dos primeiros, pelo que não se pode dizer que deve vir a ser o próximo papa acerca de todos os cardeais. Pela mesma razão, não deveria ser possível enunciar (12a) se *poder bem* indicar ordenação da Base Modal. No entanto, essa previsão não se confirma. A frase (12a) não tem o mesmo grau de estranheza que (12b).

Finalmente, um outro contra-argumento à hipótese de que o reforço epistémico veiculado pela adição de *bem* se deve a que esta adição traduz a introdução de uma ordenação da Base Modal advém do facto de o reforço que a adição de *bem* veicula se verificar também em frases como as que se seguem, com predicados de atitude proposicional:

- (13) a. A Maria estava (bem) consciente de que estava atrasada.
b. Lembro-me (bem) de que o Pedro concordou com a ideia.

- c. Sabemos (bem) que as hipóteses são muito reduzidas.
- d. Espero (bem) que amanhã não chova.

Todas estas frases expressam uma relação entre a entidade identificada pelo sujeito da frase matriz e a proposição completiva. No que respeita às três primeiras frases, com os predicados *estar consciente*, *lembrar-se* e *saber*, sem *bem*, são considerados apenas mundos possíveis em que a proposição completiva é verdadeira. Qualquer das frases indica que todos os mundos possíveis que formam o estado epistémico da entidade identificada pelo sujeito da frase matriz são mundos-*p*. A frase (13a) indica que todos os mundos possíveis que formavam o estado epistémico da Maria são mundos em que ela estava atrasada, (13b) indica que todos os mundos possíveis que formam o estado de crença do enunciador são mundos em que o Pedro concordou com a ideia em causa e (13c) que todos os mundos possíveis que formam o estado epistémico dos participantes na interação discursiva são mundos em que as hipóteses são muito reduzidas. O reforço que é veiculado pela adição de *bem* não pode ser descrito como correspondendo à introdução de uma ordenação do conjunto de mundos, uma vez que são considerados apenas mundos-*p*. Quanto à frase (13d), com o verbo *esperar*, sem *bem*, a frase expressa uma ordenação de mundos: indica que a possibilidade de não chover é preferível, para o enunciador, à de chover. A adição de *bem* não assinala introdução de uma ordenação, já que o significado de *esperar* envolve ordenação, independentemente de coocorrer com *bem* ou não.

4. Modalidade e semântica dinâmica

Uma outra hipótese para dar conta do reforço que *bem* veicula é a de que *bem* não contribui para as condições de verdade da frase, que serão as mesmas com e sem *bem*, situando-se, antes, a sua função no plano discursivo. Concretamente, a hipótese que levanto é a de que com a adição de *bem* passa a expressar-se a expectativa de que a proposição modalizada se mantenha válida com o avançar do discurso. De acordo com esta hipótese, ao asserir, e.g., *é bem possível que esteja a chover*, o enunciador expressa a

possibilidade de que esteja a chover e a expectativa de que esta possibilidade se mantenha com o avançar do discurso e a recolha de mais informação. Adotando esta hipótese, o significado de frases com *bem* associado a um operador modal epistémico ou a um predicado de atitude proposicional poderá ser mais bem compreendido no quadro de uma semântica dinâmica.

Na análise delineada na secção anterior, à luz da semântica de Kratzer, o significado de uma frase modalizada corresponde às suas condições de verdade. Por exemplo, a frase *amanhã pode chover* é verdadeira se e só se existir pelo menos um mundo na Base Modal em que chove no dia seguinte. Numa abordagem dinâmica, o significado de uma frase corresponde à sua capacidade de atualizar a informação. Para clarificar esta ideia, comece por se considerar frases declarativas e a noção de asserção (Stalnaker 1979, Heim 1992, e.o.). Uma frase é asserida num contexto, que é concebido como o conjunto de mundos possíveis compatíveis com o que é assumido até ao tempo de enunciação, e, se a frase for aceite pelos intervenientes na interação comunicativa, obtém-se da sua enunciação um novo contexto. Como se pode observar, o modelo é inspirado na informática. O contexto relativamente ao qual uma frase é enunciada corresponde a um estado de informação e da enunciação dessa frase, se a mesma for aceite pelos restantes participantes na interação discursiva, resulta um novo estado de informação. A diferença entre este novo estado de informação e o anterior corresponde ao significado da frase. Assim, o significado de uma frase é visto como uma relação entre contextos (ou estados de informação). Para ilustração, considere-se a enunciação de (14):

(14) Está a chover.

A frase é asserida num contexto *c*, que é concebido como o conjunto dos mundos possíveis compatíveis com o que é assumido pelos intervenientes na interação comunicativa. Se até à enunciação da frase não se sabia qual era o estado do tempo, o contexto em que a frase é enunciada contém mundos em que está a chover e mundos em que não está. A enunciação da frase (se os restantes intervenientes na interação discursiva aceitarem que o enunciador está a dizer a verdade) tem o efeito de remover do contexto os mundos possíveis em que não está a chover. O contexto, ou estado de informação,

resultante da enunciação da frase é, portanto, um subconjunto do contexto anterior à asserção. Assim, à medida que a interação conversacional avança, o conjunto de mundos possíveis que formam o contexto vai diminuindo. Cada frase declarativa que é adicionada ao contexto remove do mesmo os mundos possíveis em que não se verifica o estado de coisas descrito pela frase asserida. Ou seja, com o avanço do discurso, vai diminuindo a incerteza, vão sendo eliminadas possibilidades, obtendo-se uma imagem cada vez mais precisa da realidade.

Esta ideia de que o avanço do discurso corresponde à progressiva eliminação de possibilidades é explorada pela semântica dinâmica, que concebe o significado das frases como instruções para atualizar o contexto. Nesta perspetiva, o significado de uma frase é o seu Potencial de Alteração do Contexto (*Context Change Potential*), a capacidade que a frase tem de alterar o contexto em que é enunciada. Por exemplo, a frase (14) tem a capacidade de remover do contexto os mundos possíveis em que não está a chover. Da enunciação de uma frase declarativa num contexto c obtém-se um contexto c' , que é um subconjunto de c . Concretamente, denotando uma frase o conjunto de mundos possíveis em que a mesma é verdadeira, o resultado potencial da sua enunciação num contexto c (o conjunto de mundos possíveis compatíveis com o que se sabe ou que é assumido como verdadeiro na altura da enunciação) é o conjunto correspondente a $c \cap \llbracket p \rrbracket$. Se a informação dada pela frase que se assere for incompatível com c , por exemplo se a frase (14) for asserida num contexto em que se sabe que não está a chover, c' é o conjunto vazio (visto que, se c contém apenas mundos não- p , a asserção de p tem como efeito a remoção de todos os mundos de c) e o fluxo normal da interação discursiva é interrompido.

Se a asserção de uma frase p não modalizada, como (14), permite restringir o conjunto de mundos possíveis que formam o contexto de enunciação, removendo do mesmo os mundos não- p , o mesmo não se pode dizer das seguintes frases:

- (15) a. Pode estar a chover.
- b. É possível que esteja a chover.
- c. É capaz de estar a chover.

Estas frases não dão a informação de que está a chover nem a de que não está. Apenas indicam que a proposição sob o escopo do operador modal é compatível com a informação contextual. A asserção destas frases não permite remover do contexto mundos em que está a chover nem mundos em que não está a chover. São frases que servem para assinalar que no contexto em que a frase é asserida existe pelo menos um mundo possível em que está a chover. Assim, frases como estas são instruções para verificar que o contexto em que são asseridas contém pelo menos um mundo- p . Da sua asserção num contexto c , resulta um contexto c' , subconjunto de c , que ou é igual a c , se c contiver mundos- p e mundos não- p , ou é o conjunto vazio, se c contiver apenas mundos não- p . Nas palavras de von Fintel & Gilles (2007):

Epistemic *might* serves to comment that its prejacent is compatible with the contextually relevant body of information. That is, it serves to comment that there is a world in the relevant context in which the prejacent is true. (...) $[[\text{might}\phi]]$ will take an information state s and either return all of it, or none of it, depending on whether or not the condition is satisfied, the condition being that the information that ϕ carries be compatible with s .

von Fintel & Gilles (2007: 53)

Naturalmente, o facto de se poder asserir com felicidade uma proposição com um operador modal epistémico fraco num contexto c por este conter mundos- p e mundos não- p não garante que os contextos subseqüentes, subconjuntos de c , contenham também mundos- p e mundos não- p . À medida que mais informação é recolhida e o discurso avança, o conjunto de mundos que forma o contexto vai sendo reduzido, podendo passar-se de um contexto que contém, por exemplo, mundos em que está a chover e mundos em que não está para um contexto que contém apenas mundos em que está a chover ou apenas mundos em que não está a chover. Por outras palavras, frases como as de (15) são não persistentes:

Since *might*-statements are expressions of ignorance – in view of the relevant set of facts, the prejacent cannot be ruled out – if the relevant set of facts grows (...) *might*-statements that were once called for might not be called for later.

von Fintel & Gilles (2007: 58)

Ou seja, mesmo que a enunciação das frases de (15) num contexto *c* não cause interrupção no discurso porque *c* contém mundos-*p*, isso não garante que os contextos subsequentes também contenham mundos-*p*. Com o avanço do discurso, o conjunto de mundos que forma o contexto vai sendo reduzido. Cada frase é enunciada num contexto *c* e da sua enunciação resulta um contexto *c'*, que é um subconjunto de *c* e que é o contexto relativamente ao qual é enunciada a frase seguinte. Assim, para qualquer das frases em (15) é possível que possa ser asserida com felicidade num contexto em que não se sabe se está ou não a chover (i.e., um contexto que contém mundos-*p* mundos não-*p*) e mais tarde não possa ser asserida com felicidade porque os mundos-*p* foram, entretanto, removidos do contexto.

Posto isto, considere-se o seguinte par de enunciados, em que as reticências indicam uma pausa durante a qual o enunciador vai à janela e verifica que não está a chover:

- (16) a. É possível que esteja a chover... Não está!
b. É bem possível que esteja a chover... #Não está! / Não, afinal não está!

Em (16b), a continuação com *não está* não é natural, a menos que se recorra a uma entoação que indique surpresa, contrariamente ao que se verifica em (16a), em que a entoação de *não está* pode ser neutra. Isto sugere que a função de *bem* é a de indicar a expectativa de que a proposição continue a poder ser enunciada com felicidade nos contextos subsequentes ao da sua asserção. A frase é possível que esteja a chover indica que no contexto em que é asserida existe pelo menos um mundo possível em que está a chover; a adição de *bem* – *é bem possível que esteja a chover* – indicará a expectativa do enunciador de que em contextos seguintes continue a existir pelo menos um desses mundos. Analogamente, a asserção de *ser bem provável que p* num contexto *c* indicará a expectativa de que *p* continue a ser provável em contextos subsequentes a *c*, tal como, e.g., a asserção de *lembro-me bem de que o Pedro concordou com a ideia* indicará que o enunciador se lembra de que o Pedro concordou com a ideia em causa e que é expectável que se continue a lembrar. Ou seja, de acordo com esta hipótese, *bem* assinalará a expectativa do enunciador de que a recolha de

mais informação relevante continue a sustentar a proposição que enuncia. Simplificadamente, de acordo com esta hipótese, *bem* expressará uma ordenação dos subconjuntos de *c*, indicará que é mais expectável que se mantenham os subconjuntos de *c* que sustentam a proposição sob o escopo de *bem* do que os subconjuntos de *c* que não a sustentam.

Assim, fica respondida a primeira das questões enunciadas acima, na secção 2: como explicar o reforço epistémico que se observa pela adição de *bem* a um modalizador epistémico? De acordo com a hipótese exposta, esse reforço corresponde à expressão da expectativa de que a proposição modalizada continue a ser sustentada por estados de informação subsequentes àquele em que a frase modalizada é asserida. Tendo por base esta hipótese, retome-se agora a segunda das questões enunciadas acima: por que razão *bem* não pode coocorrer com todos os operadores modais, mas apenas com alguns?

A resposta que proponho a esta questão é a de que a (im)possibilidade de *bem* coocorrer com um operador modal epistémico depende do tipo de estado epistémico descrito pela frase com esse operador. Nos casos analisados até agora, as frases descrevem ou um estado epistémico que inclui a possibilidade de ser verdadeira a frase sob escopo do operador modal, como é o caso de exemplo como é *(bem) possível que esteja a chover quando chegarmos*, ou um estado epistémico em que a proposição completiva é tida como garantidamente verdadeira, como é o caso de exemplos como *sabemos (bem) que as hipóteses são muito reduzidas*. Considerem-se agora casos em que a adição de *bem* gera estranheza, como os exemplos seguidamente repetidos e renumerados como (17a-d):

- (17) a. ??Tem bem de ser preciso adiar a reunião.
 b. ??Eles devem bem ganhar as eleições.
 c. ??Presumo bem que ele {está / esteja} doente.
 d. ??É bem impossível que alguém tenha aberto a porta.

Sem a adição de *bem* estas construções são gramaticais. As três primeiras expressam a convicção do enunciador de que a proposição sob o escopo do verbo modal – respetivamente, as proposições *ser preciso adiar a reunião*, *eles ganharem as eleições* e *ele estar doente* – é provavelmente

verdadeira e a última a de que é falsa. Em qualquer dos exemplos, esta convicção é baseada na informação de que o enunciador dispõe na altura da enunciação. Ou seja, as frases expressam uma inferência decorrente da informação de que o enunciador dispõe na altura da enunciação. A recolha de nova informação pode anular essa inferência. Por exemplo, sabendo que existe uma estação de metro junto ao local de destino do Paulo, que o Paulo costuma ser pontual, etc., pode asserir-se com felicidade *o Paulo deve chegar a tempo*. Mas, se retirarmos a informação de que há uma estação de metro junto ao local de destino, ou se adicionarmos, e.g., a informação de que o metro não está a funcionar, pode já não ser possível asserir com felicidade a mesma frase. Mesmo no caso de uma frase com *ter de* com leitura epistémica, como no exemplo (18)², abaixo, que indica que o estado epistémico do enunciador contém apenas mundos possíveis em que a frase sob escopo do verbo modal é verdadeira, a frase expressa menor certeza do que a sua correspondente não modalizada *a bola está em C*:

- (18) A bola está em A, em B ou em C. Não está em A nem em B. Então, *tem de estar em C*.

Claramente, ao enunciar *a bola tem de estar em C*, o enunciador expressa a inferência de que a verdade desta proposição decorre das premissas do argumento, podendo não se manter se for recolhida nova informação que leve à revisão das premissas, como mostra a possibilidade de continuar a frase com, por exemplo, *a menos que tenha havido batota*. Por contraste, se a conclusão do argumento for expressa pela frase não modalizada *a bola está em C*, não é veiculada a informação de que a verdade da proposição é dependente da manutenção das premissas, a frase é sim apresentada como descrevendo um facto estabelecido.

Analogamente, no caso de (17d) – *??é bem impossível que alguém tenha aberto a porta* –, sem *bem* a construção é gramatical e descreve uma inferência que resulta da informação de que o enunciador dispõe na altura da enunciação, podendo a inferência ser cancelada pela consideração de nova informação, como mostra a possibilidade de continuar a frase com,

2 O exemplo original, em inglês, é apresentado por von Stechow & Gillies (2010).

por exemplo, *a menos que eu tenha perdido a chave e alguém a tenha encontrado*. Em suma, sem *bem*, as construções apresentadas em (17a-d) descrevem um estado epistémico de crença forte que resulta de um processo de inferência com base na informação de que o enunciador dispõe na altura de enunciação, crença esta que pode ser alterada com a adição de nova informação. Assim, se, como proposto, a função de *bem* é indicar a expectativa de que estados de informação subseqüentes à enunciação da frase continuem a sustentar a mesma, é previsível que *bem* não possa ocorrer em frases como as de (17a-d), já que são frases que descrevem um raciocínio que tem por base exclusivamente a informação de que o enunciador dispõe na altura da enunciação.

Veja-se ainda que a aceitabilidade de construções como as de (17a-d) melhora consideravelmente com a adição de negação metalinguística, como nos exemplos (19a-d):

- (19) a. A: Tem de ser preciso adiar a reunião.
B: Não tem bem de ser preciso; é conveniente, talvez...
- b. A: Eles devem ganhar as eleições.
B: Não é bem que devem ganhar; é mais que estão muito fortes, mas os adversários também estão.
- c. A: Presume-se que ele esteja doente, certo?
B: Não é bem que se presuma; mas é possível que esteja...
- d. A: É impossível que alguém tenha aberto a porta.
B: Não é bem impossível; alguém podia ter uma chave suplente...
- e. A: Está a chover.
B: Não está bem a chover, estão a cair umas pinguitas...

A refutação da afirmação prévia, de A, pode igualmente ser feita sem usar *bem*. Nesse caso, a enunciação de B constitui uma instrução para a afirmação de A ser removida do contexto. Com a adição de *bem*, a refutação de B é mais diplomática. O falante não exclui a afirmação de A, mas indica a expectativa de que a mesma não seja sustentável com o avanço do discurso. Este facto é compatível com a análise proposta.

5. Conclusão

A adição de *bem* a frases com um modalizador epistémico tem o aparente efeito de reforçar o grau de crença expresso pela frase. No entanto, foram apresentados contra-argumentos a essa hipótese. Uma hipótese alternativa que foi apresentada é a de que *bem* opere a nível discursivo e não contribua para as condições de verdade da frase em que ocorre, decorrendo o reforço epistémico veiculado pela adição de *bem* da expectativa de que estados de informação seguintes continuem a sustentar a proposição modalizada. Esta segunda hipótese, além de ter o mesmo poder descritivo que a primeira, não enfrenta os mesmos problemas que esta e parece explicar adequadamente o maior grau de confiança na verdade da proposição modalizada que se observa pela adição de *bem*, o facto de este operador poder ocorrer em frases com diversos tipos de modalizadores epistémicos e verbos de atitude proposicional, mas não com todos, e, no que respeita a estes últimos, o diferente comportamento que se observa consoante a frase seja afirmativa ou negativa. Embora a análise se tenha centrado em frases com *bem* associado a um operador epistémico, à partida a proposta apresentada será extensível a frases não modalizadas, como *o quadro está bem fixo* ou *o saco está atado e bem atado*. Embora possa não ser a única análise possível, a contribuição de *bem* para o significado destas frases pode ser vista como a de indicar que é expectável que a situação descrita pela frase a que se junta este operador – as frases *o quadro está fixo* e *o saco está atado*, nestes exemplos – se mantenha com o avanço do tempo.

REFERÊNCIAS

- Condoravdi, C. (2002). Temporal interpretation of modals: Modals for the present and for the past. In D. Beaver, S. Kaufmann, & L. C. Martínez (Orgs.), *The Construction of Meaning* (pp. 59-88). CSLI Publications.
- von Fintel, K., & Gillies, A. (2007). An opinionated guide to epistemic modality. In T. Szaebo (Org.), *Oxford Studies in Epistemology* (Vol. 2, pp. 32-62). Oxford University Press.

- Heim, I. (1992). Presupposition Projection and the Semantics of Attitude Verbs. *Journal of Semantics*, 9(3), 183-221.
- Kratzer, A. (1991). Modality. In A. von Stechow, e D. Wunderlich (Orgs.), *Semantics* (pp. 639-650). Walter de Gruyter.
- Lewis, D. (1981). Ordering Semantics and Premise Semantics for Counterfactuals. *Journal of Philosophical Logic*, 10(2). 217-34.
- Oliveira, F. (1993). Questões sobre Modalidade em Português. *Cadernos de Semântica*, 15, 01-29.
- Oliveira, F. (2003). Modalidade e Modo. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 243-272). Editorial Caminho.
- Oliveira, F., & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 623-669). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Peres, J. (2013). Semântica do Sintagma Nominal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 735-815). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portner, P. (2009). *Modality*. Oxford University Press.
- Stalnaker, R. (1979). Assertion. In P. Cole (Org.), *Syntax and Semantics* (Vol. 9, pp. 315-332). New York Academic Press.